

João Fênix e
Juliana Linhares
refravam Belchior



PÁGINA 3

'Inópia
Humanoide'
restreeia no Rio



PÁGINA 5

Correio lista os
melhores filmes de
2024... até agora



PÁGINAS 6 E 7

2º CADERNO

'Não imaginava fazer tanta coisa aos 80'

Por **Thales de Menezes** (Folhapress)

Marcos Valle não imaginava estar fazendo tanta coisa em 2024. Ele encerrou na última semana, com show em São Paulo, a turnê comemorativa de seus 80 anos. Depois, parte para shows fora do país, primeiro pela Europa, logo no começo de agosto, e depois nos Estados Unidos. E em setembro deve sair seu novo álbum de inéditas, "Túnel Acústico".

Assim, fica inevitável perguntar ao cantor e compositor carioca como ele se sente com todos esses compromissos. "Olha, sinto gratidão porque eu jamais poderia imaginar, lá atrás, que eu estaria fazendo tanta coisa aos 80 anos. Na verdade, são dois aspectos. Um é você chegar a essa idade com disposição para fazer isso. Outro é você ser requisitado para esse número de coisas. Não esperava ser tão procurado pelos jovens, por tantos novos parceiros. Aí veio turnê aqui, turnê lá fora..."

Sempre com cabelos loiros e longos e corpo esguio, a figura pública de Valle reflete seu estilo solar de vida, ligado ao mar, à praia, às atividades físicas. "Tive essa maravilhosa surpresa de me sentir bem. Estou muito feliz de estar no palco, tocando. Somando isso ao estúdio, a ensaiar e compor... Puxa, minha vida é isso, eu respiro música, penso o tempo todo em música. É incrível ver que as melodias vão surgindo na minha cabeça." **Continua na página seguinte**

Às vésperas de
iniciar uma turnê
pela Europa e
EUA, Marcos
Valle vive um ano
profissional intenso
e ainda trabalha
na finalização de
um novo álbum de
inéditas



Leo Aversa/Divulgação

No novo álbum, Marcos Valle mais uma vez abre espaço para parcerias. Entre elas, músicas com Céu e Moreno Veloso, convidados do show em São Paulo, junto com os rappers Emicida e Rashid. No álbum anterior de Valle, “Cinzento” (2021), ele dividia vocais com Emicida na faixa-título. No repertório da apresentação, ele inclui músicas que fez com esses parceiros e contempla canções de quase todas as fases da carreira.

Numa retrospectiva de sua trajetória, Valle admite ser demasiadamente associado à bossa nova. Em meados dos anos 1960, ele fez parte de uma espécie de segunda geração do movimento, pouco tempo depois do sucesso dos fundadores. Mas sua música derivou rapidamente para outros gêneros.

O álbum “Mustang Cor de Sangue”, de 1969, trazia muito de pop e algo de baião. “Garra”, de 1971, mostrou Valle à vontade com muita influência da soul music. Atravessou aquela década em flertes com gêneros como o progressivo e o funk, e chegou a 1983 bem distante dessas praias, com “Estrelar” (1983), agitado álbum com pegadas de eletrônica. Mesmo assim, nessa época, como ainda hoje, costuma ser apresentado como um representante da bossa nova.

“As gerações mais novas que começaram a se ligar na minha música já sabem que não é nada disso. Eles me ouviram tocar com Lineker, Marcelo D2, mas a turma mais antiga me associa muito à bossa nova. Poxa, eles têm que descobrir o resto”, diz Valle. “Vou a um festival pop, depois a um festival de jazz. Acho que as pessoas percebem que eu vou muito além. Não relego aquela base da bossa nova, mas é difícil alguém escutar ‘Estrelar’ e dizer que foi feito por um cara de bossa nova. Acho que é algo que vou conquistando aos poucos, essa compreensão do meu trabalho.”

Nessa exuberância de gêneros em sua discografia, ele responde prontamente ao ser desafiado a listar discos que melhor definem o jeito Marcos Valle de fazer música: “Vou falar três: ‘Previsão do Tempo’ (1973), ‘O Vento Sul’ (1972) e ‘Viola Enluarada’ (1968). São três visões. Um disco mais groove, outro mais psicodélico e um mais harmônico. Juntos, os três dão uma mostra resumida de como é minha música. Mas é bom escutar o disco novo. Acho que suas 12 faixas abrangem muito do que eu já fiz”.

“Túnel Acústico” deve ser lançado du-



Marcos Valle diz que viveu várias fases musicais, mas não deixa de ser associado à Bossa Nova

‘No meu jeito de fazer música, sinto vontade de mudar’

rante a turnê europeia, mas a gravadora londrina Far Out Recordings decidiu antecipar um single, em vinil, com a única faixa mais antiga num álbum que tem material recente e inédito. É “Feels So Good”, parceria de Valle com Leon Ware, morto em 2017, uma verdadeira lenda na música americana, exímio cantor, produtor e parceiro de Marvin Gaye nos grandes hits da maior voz do soul. E há uma história por trás dessa canção com o brasileiro.

De 1975 a 1980, Valle morou nos Estados Unidos, quando conheceu Ware, que ele define como uma de suas influências no começo da carreira. Ware ouviu uma música de Valle, que tinha letra de Robert Lamm, um dos fundadores do grupo Chicago. “Estava inacabada, e não sei como ela foi parar nas mãos do Leon.

Então rolou uma gravação, em fita cassete. Isso foi em 1979. Fizemos muita coisa juntos depois, como ‘Estrelar’, um dos meus maiores sucessos, mas essa fita ficou guardada numa gaveta”, recorda Valle.

Ao iniciar o trabalho de “Túnel Acústico”, ele falou da música para o produtor Daniel Maunick. “Com essa Inteligência Artificial, ele deixou a voz do Leon, tirou alguns trechos para eu colocar o meu vocal e o resultado ficou excelente. Mais ou menos o que os Beatles andaram fazendo com ‘Now and Then’, aquela música gravada pelo Lennon que ficou perdida.”

A lista de parcerias de Valle ao longo da carreira é quase um “de A a Z” de boa música. Vai do rock progressivo brasileiro, com os grupos Azymuth e O Terço, a cantoras impecáveis como a diva Sarah

Vaughan ou a indie brasileira Tulipa Ruiz. Trabalhou com a emergente banda curitibana Jovem Dionisio com o mesmo entusiasmo que teve ao montar um show com os antigos parceiros da bossa João Donato, Carlinhos Lyra e Roberto Menescal.

“No meu jeito de fazer música, sinto vontade de mudar. Para mim é importante o próximo disco não ser igual ao anterior. Trabalhei com muitos grupos, porque a cada momento, uma banda correspondia ao que eu queria. Mas, agora, há muito tempo minha banda é a mesma.” Ele fala de seu atual time de colaboradores que inclui nomes celebrados como Renato Massa na bateria e Alberto Continentino no baixo. “Eu me aproximar desse pessoal mais novo é uma oxigenação total na minha carreira. Isso me faz um bem danado.”

É sempre bom reencontrar Belchior

João Fênix, Juliana Linhares e Jaques Morelenbaum gravam versão de um clássico do cancionero do bardo cearense

Por Affonso Nunes

Uma das vozes mais singulares da cena contemporânea da MPB, João Fênix lança nesta quinta-feira (18) o single “Pequeno Mapa do Tempo”, gravado em dueto com a cantora Juliana Linhares e participação do músico e maestro Jaques Morelenbaum. O lançamento desta nova versão para uma das mais emblemáticas canções de Belchior (1946-2017) faz parte de um projeto que

o artista vem desenvolvendo desde 2021, em parceria com a gravadora Biscoito Fino. O Correio da Manhã ouviu a faixa antes e se impressionou com o potente encontro de Fênix, Juliana e Morelenbaum com a força poética do bardo cearense emoldurada por um arranjo de cordas de lindas texturas.

“Eu já queria gravar essa canção há muito tempo, desde o início deste projeto. A ideia é que a compilação final, que vai reunir todos estes duetos em um álbum digital, venha a se chamar ‘Pequeno Mapa



João Carlos Rocha/Divulgação

Juliana Linhares e Fênix dividem os vocais de ‘Pequeno Mapa do Tempo’

do Tempo”, conta João Fênix.

O dueto inédito é ainda o encontro poderoso de três artistas nordestinos: Belchior (cearense), João Fênix (pernambucano) e Juliana Linhares (potiguar). “A minha conexão com a minha terra é algo muito

presente. Assistindo ao videoclipe e ouvindo a gravação com Juliana e Jaques Morelenbaum, orquestrada pelo maestro Jaime Alem (violão, arranjo e direção musical), eu vejo que tenho total identificação com essa simbiose musical que é muito

da gente, muito nordestina como essência”, pontua Fênix.

A escolha de “Pequeno Mapa do Tempo”, décimo dueto do projeto, tem a ver ainda com a admiração de João Fênix pelo compositor cearense: “Belchior é genial, que compositor maravilhoso! Esse medo, tão presente nesta letra, é algo muito atual na existência humana. Eu imagino quantos medos o Belchior enfrentou, como nordestino que saiu do Ceará e passou por tantas dificuldades, até ser gravado por grandes intérpretes”.

Sobre os convidados deste dueto, Fênix comenta: “Sempre quis muito gravar com o Jaques Morelenbaum, fiquei muito honrado e feliz quando ele aceitou o meu convite. A Juliana Linhares é uma cantora que eu admiro muito. O resultado é belíssimo”.

Em meio ao lançamento dos singles, João Fênix estreou o show “Tempo Rei”, já na estrada: uma celebração ao momento atual do artista, que inclui as canções lançadas neste projeto de duetos.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

No fim da escuridão

Em certo momento da introspectiva “O Fim do Fundo”, Jokin - faceta do músico e produtor musical gaúcho Joaquim Mota - desabafa que está cansado de sofrer e que aquele é seu lugar. Partindo de um momento de escuridão em direção à luz, o artista abre o coração no primeiro single de seu álbum de estreia “Cubomedusa”, que está disponível em todas as plataformas via yb music. “Essa música fala sobre experiências minhas enfrentando e lutando contra problemas relacionados à saúde mental”, revela o artista.

Thamires Seus/Divulgação



Divulgação



Baião pop romântico

Cantora e compositora empenhada em colocar o pop na MPB, Alinne Garruth abre o coração para seu disco de estreia. Assim como a já lançada “Bar de Baixo”, ela retorna a parceria com seu parceiro de música e vida Marcel no single “Pluma”, um baião com levada pop para dançar agarradinho com quem se ama e que tem a participação especial de Lucy Alves e seu acordeon. “Trabalhar com a Lucy foi incrível, eu e o Brasil todo somos muito fãs dela e nessa faixa o que ela mais acrescentou foi como instrumentista, com arranjos lindíssimos na sanfona”, conta a artista.

Leandra Benjamin/Divulgação



Trilha para teatro

O violoncelista italiano radicado no Brasil, Federico Puppi tem se dedicado nos últimos anos a unir sua arte ao teatro. Premiado por suas performances e trilhas para as artes cênicas, ele lança um single composto especificamente para o teatro. Ao lado de um intenso registro vocal de Laura de Castro, ele lança “A Janela”. A faixa já está disponível para streaming e coroa um período prolífico para Puppi, que atualmente está em cartaz com a premiada peça “Ficções”, de Rodrigo Portella, dividindo o palco com a atriz Vera Holtz em um espetáculo inspirado pelo livro “Sapiens”.

CORREIO CULTURAL

Transitando pelo universo da paixão



Divulgação

Adele cumprirá shows agendados e depois descansa

Adele anuncia em entrevista nova pausa em sua carreira

Adele surpreendeu os fãs ao anunciar que pretende dar uma pausa em sua carreira musical. Em entrevista para o 2DF, veículo da Alemanha, a cantora britânica revelou que após realizar os shows agendados de sua turnê ela vai descansar sem precisar por quanto tempo. Adele ainda apontou que quer fazer outras coisas cria-

tivas. “Não tenho planos para novas músicas. Quero uma grande pausa e acho que quero fazer outras coisas criativas só por um tempinho”. O último intervalo musical da cantora durou seis anos. Nesse tempo, tiveram os lançamentos dos álbuns ‘25’, em 2015, e o mais recente ‘30’, de 2021.

Emmy anuncia

A Academia Internacional das Artes e Ciências Televisivas anuncia nesta sexta-feira (17) a lista de indicados ao Emmy 2024. Premiação acontece no dia 15 de setembro. A cerimônia está prevista para as 21h no horário de Brasília.

Emmy anuncia II

O Emmy premia as séries que mais tiveram destaque no ano. Nesta edição, serão avaliadas as obras que foram ao ar entre 1º de junho de 2023 e 31 de maio de 2024. Os maiores destaques da última edição foram “O Urso”, “Treta” e “Succession”.

Segue a treta

Após Regina Duarte publicar mensagem com referências à sua condenação no que seria uma retratação, a defesa de Janaína Diniz, filha de Leila Diniz (1945-1972) e autora da ação, considera que a artista não respeitou a decisão do juiz com o seu post.

Segue a treta II

Segundo a advogada Maria Isabel Tancredo, que representa Janaína, Regina não fez retratação alguma na postagem, e sim “uma tentativa de justificar o injustificável”. E diz que a ação seguirá enquanto ela não cumprir o que foi determinado pela Justiça.

Entre novela e carreira musical, Natascha Falcão mostra as canções de seu novo álbum nesta quinta no Manouche

Atriz, cantora e dançarina pernambucana Natascha Falcão – única brasileira a figurar entre os indicados à artista revelação do Grammy Latino 2023 – apresenta nesta quinta-feira (18) no Manouche o show “Universo de Paixão”, de seu terceiro álbum, lançado em junho pela Biscoito Fino.

Natascha descobriu a paixão pela música ainda criança, na escola, durante as aulas de teatro. Em 2013, ela se mudou para o Rio, onde integrou a banda Pirarucu Psicodélico, formou-se em dança e começou a pensar na carreira solo, que se concretizou em 2019, com o EP Kitsch

Em 2023 lançou seu segundo álbum também pela Biscoito Fino, o “Ave Mulher”, para o qual foi indicada ao Grammy Latino. “Meu selo (Biscoito Fino) inscreveu meu trabalho igual ao de todo mundo que lançou trabalho naquele período de tempo do ano que é elegível para concorrer ao Grammy. Um dia acordei com meu telefone estava bombando e eu me perguntei: ‘O que está acontecendo?’”, contou Natascha na época da indicação.

A artista navega pelo universo do forró, misturando sonoridades nordestinas como coco, ciranda, maracatu, frevo e referências do Mangue Beat. Tudo isso sem abrir mão de uma verve romântica.

O repertório do show apresenta as músicas desse disco novo, o



Maika Mano/Divulgação

Natascha Falcão mistura os ritmos tradicionais nordestinos com sonoridades urbanas de Pernambuco como o Mangue Beat

“Universo de Paixão”, e outros hits que reverenciam o forró. Sucessos das bandas Cavalo de Pau, Limão com Mel e Calcinha Preta, com novos arranjos, a autoral “Melhor Assim” – que ganhou videoclipe, gravado na Feira de São Cristóvão, em que a artista contracena com o ator José Loreto – e ainda as músicas do álbum “Ave Mulher”.

Para além da discografia solo, Natascha vem se destacando no elenco feminino do show Viva Gal, idealizado em tributo à cantora Gal Costa (1945-2023), junto às cantoras Janamô, Juliana Linhares, Kátia Jorgensen, Maíra Garrido, Simone

Mazzer e Taís Feijão.

Em 2024, recebeu o convite para integrar o elenco da novela “No Rancho Fundo”, como a personagem Lola, e ainda dá voz à música homônima de Ary Barroso e Lamartine Babo tema de abertura da novela ao lado de Elba Ramalho.

SERVIÇO

NATASCHA FALCÃO | UNIVERSO DE PAIXÃO

Manouche: (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)

18/7, às 21h

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60

(ingresso solidário - levando um quilo de alimento não perecível ou livro – estudante, meia entrada e idoso, que será doado para o Rio Grande do Sul)

Monólogo 'Inópia Humanoide', com Mário Cardona Jr, faz curta temporada no Teatro Cândido Mendes

Mário Cardona Jr completa 30 anos de sua carreira como ator e volta aos palcos reestreando o espetáculo "Inópia Humanoide", que está curta temporada nesta e na próxima quinta-feira, às 20h, no Teatro Candido Mendes.

Com texto e direção de Ivan Martins, a peça teve sua pré-estreia no auge da pandemia, em outubro de 2020 com apresentação adaptada para o modo online com transmissão ao vivo da sala de Cardona Jr., que foi transformada em um teatro com estrutura de luz e som para as apresentações.

O texto aborda perseguições às minorias, um ataque sistêmico a tudo e todos que divergem do poder instituído com base na truculência arquitetada por um sistema corrupto. "Essa é a ponta do iceberg desse monólogo, que provoca a reflexão do público", destaca Cardona.

Escrita por Ivan Martins há sete anos, a peça trata de questões densas sobre as relações sociais, a falta de empatia e segregações. A narrativa mistura fundamentalismo religioso frente a uma moral arcaica baseada em privilégios machistas e sexistas e que, descaradamente, é chamada de política.

Segundo o diretor, a concepção do espetáculo surgiu em um momento de grande perturbação emocional. Exatamente quando o país iniciou o processo de polarização política que vemos hoje. "Tanto o Brasil, quanto o mundo", pondera Martins. "O texto não fala de ninguém em especial,



Mário Cardona Jr em cena no espetáculo 'Inópia Humanoide', que teve suas primeiras apresentações feitas de forma remota da sala de sua casa

Um libelo em favor das minorias

mas a história se repete tanto, é tão viciosa, que o texto acabou profetizando o que aconteceu e continua acontecendo em várias partes do mundo. Esse texto é meu grito de assombro em relação ao mundo e as pessoas.

É um desabafo. Fala de qual-

quer nação e em qualquer época. Trata de questionamentos sobre as perseguições as minorias, do ataque sistêmico ao que diverge ao poder instituído com base na truculência gerada pela ignorância tão bem arquitetada por um sistema genocida, corrupto e brutal.

“O espetáculo flui por meio de uma reconstrução a partir do torto, do forte, ao mesmo tempo leve e sutil, porém assustador”

Mário Cardona Jr

O objetivo do espetáculo é estimular a conscientização sobre os Direitos Humanos, a inclusão social e a empatia. "Espero que sirva de reflexão onde a empatia toque as pessoas para entenderem, que não dá para colocar tudo em caixinhas e deixar como está. Ou seja, que cada um possa reavaliar observações, ações e omissões", enfatiza Ivan Martins que, além de dramaturgo e diretor, é escritor, roteirista e psicanalista.

De acordo com Mario Cardona Jr. o maior desafio de sua interpretação em "Inópia Humanoide", foi o processo de total des-

construção da postura e do belo, porque todos os seus trabalhos anteriores, inclusive o último (Rei Umma na Série Reis, da Rede Record) remetem para o belo. "O espetáculo flui por meio de uma reconstrução a partir do torto, do forte, ao mesmo tempo leve e sutil, porém assustador. 'Inópia' não pode quase nada e ao mesmo tempo pode tudo", comenta o ator, referindo-se à parceria com o maquiador Waldo Piano, responsável pela caracterização do personagem. Já o figurino foi concebido pelo próprio ator.

Nesses 30 anos de carreira, Mário Cardona Jr atuou em 52 peças teatrais, musicais e óperas. No cinema, atuou em dois longas-metragens e 23 curtas. E na TV atuou novelas e séries nas TVs Manchete, Globo, SBT, Record e Bandeirantes.

SERVIÇO

INÓPIA HUMANOIDE

Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 – Ipanema)
18 e 25/7, às 20h
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

O melhor de 2024...

Um balanço das principais estreias do ano do segundo semestre até meados de julho

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

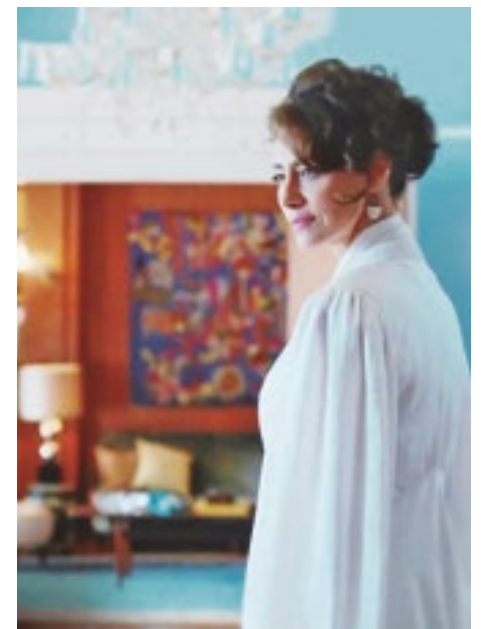
Periódicos de respeito como a “IndieWire” e associações de crítica respeitadas publicaram nas últimas duas semanas enquetes sobre o que de melhor se viu em circuito internacional desde que janeiro começou. Alguns dos votos foram para filmes de 2023 que só estrearam em salas comerciais quando o ano começou. Um ano que encontrou em “Divertida Mente 2” seu mais expressivo sucesso comercial com a marca (até agora) de US\$ 1,3 bilhão na venda de ingressos global. O cinema brasileiro abriu o ano muito bem, à força do fenômeno “Minha Irmã e Eu” e seus 2 milhões de pagantes mas vive dias de azedume, com plateias reduzidas, suando para vender cerca de 10 mil tíquetes. Numa triagem por um cenário de incertezas, o Correio da manhã levanta uma lista dos títulos que alimentaram a voltagem estética de 2024 no cinema.

TESTAMENTO, de Denys Arcand: Cerca de 21 anos depois de “As Invasões Bárbaras”, o artesão autoral canadense enfrenta patrulhas ideológicas da contemporaneidade numa ácida cartografia da cultura woke. Com a ironia que lhe é peculiar, o realizador de 83 anos, narra os dilemas do arquivista, Jean-Michel Bouchard (Remy Girard, em estonteante atuação) diante de uma campanha pública para a destruição de um quadro que adorna a instituição onde vive. A pintura traz uma representação do encontro entre indígenas e colonizadores, o que irritou grupos formados majoritariamente de jovens. Outro alvo deles é a dramaturgia do alemão Bertolt Brecht.

A PAIXÃO SEGUNDO GH, de Luiz Fernando Carvalho: Num “bloco do eu so-



Testamento



A Paixão Segundo GH



Love Lies Bleeding



Anatomia de Uma Queda

zinho”, radical, mas afetivo, Maria Fernanda Cândido brinda o cinema com seu talento e carisma numa atuação solo em que reage, com uma suavidade de gestos, ao texto de Clarice Lispector (1920-1977), publicado em 1964. A trama esbanja existencialismo: Depois de despedir a empregada, G.H. inicia uma faxina no quarto de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca da barata morta, ela embarca num processo de desmontagem de sua condição humana.

LOVE LIES BLEEDING – O AMOR SANGRA, de Rose Glass: Uma analogia com “Thelma & Louise” (1992), de Ridley

Scott, e com “Gosto de Sange” (1984), dos irmãos Coen, ajuda a fazer deste thriller beem sanguinolento um cult na grade da mostra Berlinale Special. Kristen Stewart vive uma gerente de academia de ginástica que se apaixona por uma fisiculturista (Katy O’Brien), que perde o juízo e o senso de brutalidade por amor e pelo uso abusivo de esteróides, que mudam seu corpo. Ed Harris rouba cada fotograma para si no papel do pai traficante de armas de Lou.

ANATOMIA DE UMA QUEDA, de Justine Triet: Ganhador da Palma de Ouro de 2023 e do Oscar de Melhor Roteiro Original deste ano, esta mistura de drama e thriller de

tribunal extrai uma vigorosa atuação da alemã Sandra Hüller e alimenta um debate sobre sexismo na cultura contemporânea. Uma escritora e tradutora é acusada da morte de seu marido, que quebrou a cabeça ao cair do último andar de sua casa. Uma batalha judicial é encenada em torno de sua morte, levantando segredos de uma vida conjugal fraturada.

DIAS PERFEITOS, de Wim Wenders: Em Cannes, em 2023, o artesão germânico foi ovacionado por essa produção nipônica. Laureado com a Palma de Ouro de 1984 pelo cultuado “Paris, Texas”, o cineasta alemão de 77 anos não alcançava tanta notoriedade com uma ficção desde “O Hotel de Um Mi-

até aqui



Dias Perfeitos

Divulgação



Mal Viver



Orlando, Ma Biographie Politique



Maxxine



Fotos/Divulgação

Beekeeper



Guerra Civil

lhão de Dólares” (Prêmio do Júri na Berlinale em 2000), dedicando-se mais a documentários, como “Pina” (2011) e “O Sal da Terra” (codirigido por Juliano Salgado, de 2014). Ao filmar em solo japonês, na terra de seu ídolo (o diretor Yasujiro Ozu), ele arranha o status de obra-prima à força de uma poética investigação sobre as belezas simples da vida, narradas a partir do cotidiano de um limpador de latrinas (papel que deu a Koji Yakusho o prêmio de Melhor Ator na Croisette) apaixonado por rock, em fitas K-7. Cannes deu a ela ainda a láurea do Júri Ecumênico.

ORLANDO, MA BIOGRAPHIE POLITIQUE, de Paul B. Preciado (França):

Livros como “Um Apartamento Em Urano” (2020) e “Eu Sou o Monstro Que Vos Fala” (2022) fizeram dete cineasta estreante uma grife literária por trás da afirmação identitário dos corpos não binários. Por trás das câmeras, Preciado afirma sua condição de trans, num diálogo - entre narrativa documental e o ensaio - com a obra de Virginia Wolf. Ganhou o troféu Teddy (premição queer de Berlim) e o prêmio especial da mostra alemã Encontros. Sua montagem é um achado.

MAL VIVER, de João Canijo (Portugal): Um merecidíssimo Prêmio do Júri na Berlinale há de trazer novos holofotes para um dos mais potentes artesões autorais lusos.

de David Ayer: O primeiro blockbuster de 2024 é um filme de ação raiz, nas raias do gore, com Jason Statham em estado de graça, muito bem dublado por aqui por Armando Tiraboschi. Sua narrativa violenta coroa a estética bruta do realizador de “Esquadrão Suicida” (2016) e “Corações de Ferro” (2014). Sua narrativa começa aterrorizante. Nos minutos iniciais, uma idosa administradora de um fundo de assistência (Phylicia Rashad) é roubada por meio de um golpe digital armada por uma organização que limpa as contas bancárias de pessoas na terceira idade usando um vírus digital e hackeando sistemas. Mas para azar desse bando remotamente liderado por um ricoçao problemático Derek Danforth (Josh Hutcherson), a personagem de Phyliscia tem como seu melhor amigo um Apicultor. O título usado pela figura virtuosa vivida por Statham se refere a um ramo secreto do Serviço de Inteligência dos EUA que nem a CIA pode acessar. Num dado momento, Statham pergunta: “Você quer seguir a Lei ou você quer a Justiça”.

GUERRA CIVIL, de Alex Garland: O presságio da nova Era Trump. Esta produção de US\$ 50 milhões, dirigida pelo escritor responsável pelo cult “A Praia” (filmado por Danny Boyle em 2000), cartografa a América fraturada dos dias atuais na forma de uma distopia. Num amanhã próximo, do qual pouco se sabe, sobrou pouco dos EUA. Um conflito interno assolou o país. Sem explicar o que se passa ou dar informações dos ideais bélicos por trás de cada lado da trincheira, Garland nos oferece como protagonistas um grupo de jornalistas de ídoles das mais diversas que cruzam estados até chegar à Casa Branca. Wagner Moura, em brilhante atuação, encarna um deles.

MAXXINE, de Ti West: Desde “Ataque dos Morcegos” (2005), o americano de Delaware Ti West vem construindo uma obra singular, cinéfila, parafraseando e homenageando movimentos e filões (quase sempre de linha B) que marcaram época nas telas. É o caso do western spaghetti, objeto dele em “No Vale da Violência”, hoje na Netflix. Mas é pelas vias do horror, sobretudo na conexão com o slasher do fim dos anos 1970 e de toda a década de 1980, que ele mais ganhou notoriedade, e melhor talhou sua musculatura narrativa. Aqui ele compõe uma trilogia com “X: A Marca da Morte” e (o magnífico) “Pearl”, ambos de 2022. Mia Goth é sua diva. Ele vive uma estrela pornô que encara as sujeiras de Hollywood para se firmar como estrela numa Los Angeles assombrada por um psicopata.

BEEKEEPER: REDE DE VINGANÇA,

PRÊMIO DO PÚBLICO: A mineira Moema Novais Costa conquistou o voto popular da premiação com sua série “#ELENÃO: O GRITO DAS MULHERES”, capturando momentos significativos do movimento de resistência contra o conservadorismo, refletindo sobre os direitos das mulheres e as políticas de gênero



Moema Novais Costa

PRÊMIO LOVELY HOUSE: Fotógrafa-documentarista da Amazônia, Ana Mendes conquistou o prêmio com sua série “Eu não sabia que ia ser militar, se eu soubesse nunca teria aceitado”. Suas imagens narram a história de Sérvulo Borges e refletem sobre os custos humanos do desenvolvimento, particularmente no contexto do projeto aeroespacial brasileiro em Alcântara (MA)



Ana Mendes



Silvana Pinto Mendes

Premiando propostas originais e impactantes

Sob o tema “(Em) Movimento”, a 13ª edição do Prix Photo Aliança Francesa celebra seis séries de fotógrafos premiados pelo júri oficial e pelo voto do público

A organização da 13ª edição do Prix Photo Aliança Francesa, que reconhece séries excepcionais de fotógrafos profissionais e amadores, anunciou seus vencedores em seis categorias. Sob o tema “(Em) Movimento”, o concurso recebeu um total de 349 portfólios de várias regiões do Brasil. Além dos prêmios individuais, alguns vencedores terão a oportunidade de expor na Galeria da Aliança Francesa de Botafogo, publicar fotolivro e participar de residências artísticas e formações profissionais na França, fortalecendo ainda mais o nosso cenário fotográfico.

MENÇÃO HONROSA: a maranhense Silvana Pinto Mendes foi agraciada por sua série “Afetocolagens-Reconstruindo-Narrativas-Visuais-de-Negros-na-Fotografia-Colonial”, uma investigação visual que ressignifica imagens históricas de pessoas negras no Brasil, desafiando estereótipos e reconstruindo narrativas perdidas

PRÊMIO BIENAL PHOTO CLIMAT: O pernambucano Jéner Neves foi premiado com a série “Memórias de um fotógrafo quando Jovem”, ensaio em que explora suas memórias pessoais e culturais através da fotografia, enriquecendo o registro histórico e social

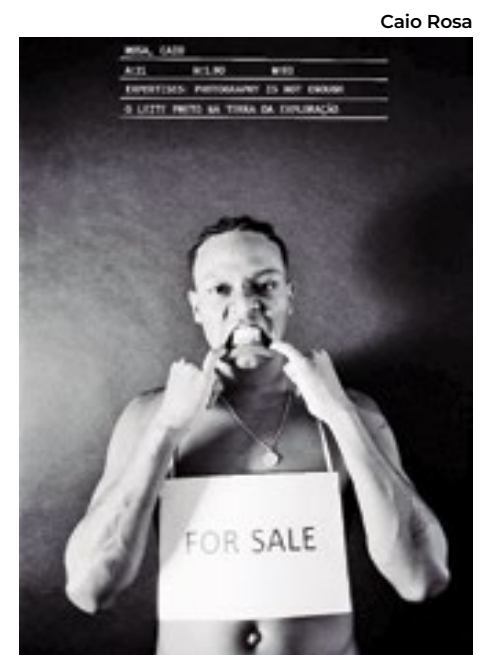


Jéner Neves

PRÊMIO ATELIÊ ORIENTE: A fotógrafa paulista Juliana Jacyntho foi premiada com “As coisas restarão para apagar as luzes do mundo”, um ensaio visual que transforma objetos cotidianos de um apartamento abandonado em narrativas sobre a impermanência e a memória



Juliana Jacyntho



Caio Rosa

PRÊMIO RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NA FRANÇA: Caio Rosa, fotógrafo e pesquisador carioca, recebeu o prêmio com sua série “For Sale Series” que questiona estereótipos históricos da população negra, utilizando autorretratos para explorar questões de identidade, violência estatal e a complexidade do mercado de arte